VIII Simpósio Nacional de História Cultural
MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA CULTURAL
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Araguaína – TO
14 a 18 de Novembro de 2016

ATUALIZAÇÃO DIGITAL DE PROFESSORES E REVISÃO DA PRATICA DOCENTE

Nora Machalous*

O uso das tecnologias digitais está cada vez mais inevitável no nosso dia a dia, cada vez mais há a necessidade de dominar este uso nos diferentes contextos. Trata-se de um uso corriqueiro e básico. No setor de finanças com os cartões eletrônicos, declaração do imposto de renda via internet; nas comunicações com as mídias mail, Facebook, Instagram, Whatsapp, entre outros; nos esportes com relógios em forma de computadores que mostram desempenho. Nas mais diferentes áreas de atuação o não uso das mídias digitais atualmente é absolutamente impensável. Industria automobilística, na moda, logística, administração, agricultura entre outras. Em algum tempo, quem não dominar as diferentes mídias digitais estará à margem da sociedade. A revolução digital veio para ficar, e a sua rapidez surpreende.

Nas outras revoluções, pelo fato de terem sido mais lentas, havia a possibilidade de acompanhar, de se adequar. Na primeira grande revolução, com a introdução da imprensa, as pessoas tiveram tempo para aprender a ler, algo de primazia das igrejas antes do surgimento da imprensa de Guttemberg[1]. Na Revolução Industrial, as novidades foram

* Mestranda no programa de Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie de são Paulo. Professora e coordenadora de língua alemã no Colégio Humboldt. Mestre em Psicopedagogia.

[1] Johann Guttemberg, inventor da tipografia, , Alemanha, por volta de 1448

surgindo aos poucos: motos, carros, locomotivas, lâmpadas, telefones, etc., porém com a velocidade que a atual revolução digital/ tecnológica ocorre, faz com que muitas pessoas não consigam se atualizar, acompanhar. Estão sendo engolidas pela tecnologia.

A educação não há como deixar de acompanhar o sinal dos tempos. A grande questão é a preparação dos profissionais para lidar com as novas tecnologias. Se por um lado os professores fazem uso de determinadas mídias para uso pessoal, o uso destas e de outras, mais especificas, na sala de aula ainda causa desconforto. O uso como ferramenta de trabalho diferencia-se bastante do uso pessoal. Um dos motivos é que o uso dos aplicativos para o uso pessoal já está bastante disseminado. Pode-se procurar ajuda na própria web e com outras. Já o uso da tecnologia em sala exige maior preparação, um domínio melhor, treinamento especifico. Não há manual que possa ser consultado no You tube, ainda.

No início da década de 1980, dois Seminários Nacionais de Informática em Educação, trataram da questão da inserção do computador no ensino de conteúdos curriculares tendo como grande foco as novas tecnologias. Segundo S. Abreu, (2006) na prática docente, o desconforto dos professores perante ao uso das tecnologias digitais é algo bastante visível. Neste artigo são mostrados resultados de uma pesquisa realizada com professores de escolas particulares do Rio de Janeiro. Alguns resultados da pesquisa ainda persistem. Por um lado, os professores têm a percepção de que com o uso das tecnologias digitais há uma inversão na hierarquia do saber. Com frequência os professores que se adaptam vislumbram uma possibilidade de aprender com o aluno. Há os professores que tem assim outra postura, para Abreu (2006, p.172) “na verdade, eles não sabiam que eu estava aprendendo, eu estava pagando a eles com notas para eu aprender”[2].

Outra percepção por parte dos professores foi de que há um novo comportamento entre os alunos, ou seja, os alunos estão mais dispersivos. As aulas frontais, com professores como detentores do saber, expondo o que sabem, o que em parte está nos livros, solicitando que os alunos em seguida exercitem o que aprenderam em uma lista de exercícios definitivamente não funcionam mais.

Para Abreu (2006, p.174) “Uma constatação é unanime: ambos os grupos fizeram referência ao desinteresse dos alunos pelas aulas de “cuspe e giz, expositivas e

[2] Silvio Motta, professor de alunos do Ensino Médio no estado do Rio de Janeiro

conteudistas" e ao fato de que está difícil prender a atenção dos alunos para as atividades acadêmicas rotineiras…". Assim, o perfil dos alunos mudou completamente. A forma de trabalhar dos alunos mudou. Os alunos não aceitam mais que os professores sejam os donos da verdade, até porque não o são mais. As possibilidades de buscar informações são inúmeras. A WorldWeb possibilita isto.

A questão da tecnologia em si também é algo a ser considerado. Tratando a tecnologia como um fenômeno filosófico, tomando Bunge[3] (2004) como referência, podemos dizer que a tecnologia tem como um dos pilares o fazer, no sentido de Homo Faber[4]. O romance de mesmo nome de Marx Frisch é um ótimo exemplo de como este conceito incorpora o fazer, o distanciar-se da vida real, do humano. Com a tecnologia, ainda segundo Bunge o foco são as ações, a técnica tem a função de controle das ações ou de transformar a natureza pela influência do ser humano. A tecnologia se utiliza de algo artificial, o artefato. Para Bunge qualquer " processo controlado ou feito deliberadamente com ajuda de algum conhecimento, e utilizável por outros" (BUNGE,1985) é tecnologia.

Ou seja, fazemos uso da tecnologia, segundo os conceitos de Bunge, desde o momento de acordar ao ligarmos as luzes e verificarmos o horário, caso não sejamos despertados por algum equipamento eletrônico, passando pelo uso da cafeteira elétrica, ou não (segundo o autor, utilizar uma cafeteira com filtro de café simples, também é uso de tecnologia). O fato de apenas apertarmos um botão para ter uma torrada quente ou até um pão quente (programado na noite anterior), de termos a possibilidade de entrar em um carro, que hoje me dia pode ter sua partida realizada com apenas uma digital ou até por comando de voz, de utilizarmos aplicativos que nos mostram o melhor caminho para chegar a algum lugar, citando estes poucos exemplos, mostra que temos facilidades, que não tem limites. Facilidades que aumentarão com o passar do tempo. Os voos são mais rápidos, a comunicação é mais rápida. Economizamos tempo em tudo, compras, deslocamentos, comunicação. Consequência disto deveria ser um tempo livre maior.

[3] Bunge é filosofo da ciência, professor na McGill University (Canadá)

[4] Homo Faber, romance do escritor suiço Marx Frisch, publicado em 1975, em que o personagem principal é extremamente racional e tem dificuldades de lidar com algo previamente não planejado.

Mas não é o que ocorre. Temos uma eterna falta de tempo. Hartmut Rosa[5], fala claramente da aceleração do tempo. Da falta de tempo. Apesar de todas as facilidades, não usufruímos do tempo que economizamos (ROSA, 2013) "...na verdade estou bem, mas tenho problemas com o tempo, quero fazer coisas demais"[6].

As pessoas dizem que no momento tudo está muito corrido, e enfatizam a palavra momento. Rosa sugere que deveríamos riscar a palavra **momento**. Trata-se de uma tendência, ou seja, teremos falta de tempo sempre. Não se trata de algo passageiro. A falta de tempo não mudará após o termino de um projeto, de uma tarefa. Findo isto, teremos novas demandas que a tecnologia nos impõe, e estaremos novamente nos queixando da falta de tempo.

As novas tecnologias obrigam a todos que consigamos nos atualizar. Estamos sempre um passo atrás do que devemos saber. A aceleração do tempo está tão presente que nem nos damos conta de que este tempo já passou, temos apenas a sensação de que não há tampo para nada.

Para os professores a questão é a mesma, não que em outras categorias isto não exista. Mas outras categorias de profissionais são as que dominam ou deveriam dominar a tecnologia para aplicar estas diretamente. O professor tem que dominar as tecnologias para sim fazer uso destas mas para utilizar as mesmas como ponte para intermediar o aprendizado dos alunos. E como foi dito, muitas vezes, os alunos dominam melhor a tecnologia.

Com a falta tempo para a atualização, o avanço das mídias digitais é tão rápido que muitos docentes realmente não conseguem estar atualizados.

O profissional na área de educação tem que se atualizar constantemente tanto no conteúdo a ser ensinado, como na forma de lecionar. A grande dificuldade está em conseguir esta atualização. Tendência tem sido que muitos profissionais desistem do magistério, por não se sentirem capazes de seguir com as inovações.

Fazendo um paralelo, há professores que desistem por não querer assumir, enfrentar o seu "analfabetismo digital". Na obra "o Leitor" de Bernhard Schlink. Em um tribunal, como ré em um julgamento, uma das personagens principais do romance de

[5] Hartmut Rosa, sociólogo e pesquisador da politica, nascido na Alemanha, em 1965, professor na Universidade de Jena, Alemanha

[6] eigentlich geht es mir gut, aber ich habe Probleme mit der Zeit, ich nehme mir viel vor" Rosa

Bernhard Schlink, Hanna Schmitz, é confrontada com uma situação em que deve decidir se permite que as pessoas saibam que ela é analfabeta ou se assume a culpa pela morte de muitas pessoas durante a segunda guerra, quando ela atuava, juntamente com outras cinco acusadas como guarda da SS com a incumbência de vigiar prisioneiros de guerra.

Hanna teria que realizar um teste de caligrafia, para provar que o documento que resultou na morte de prisioneiros judeus não foi escrito por ela. Hanna tem a opção de revelar que não domina a escrita e a leitura, em uma época na Alemanha pos-guerra, em que o analfabetismo estava em franca erradicação. Hanna decide assumir a culpa. Prefere que ninguém saiba que ela não domina a leitura e a escrita em detrimento da liberdade. Passa assim anos na cadeia, após assumir uma culpa que não era apenas sua. A vergonha teve um peso decisivo.

Acredito que algo semelhante ocorre com professores atualmente. Cada vez mais professores solicitam a aposentadoria, pois se sentem desafiados a utilizar a tecnologia digital sem terem recebido treinamento para tal. Não há praticamente investimento em formação de professores. Com as novas tecnologias até o formato da sala de aula foi modificado. Dá se preferência a trabalhos em grupo, os alunos devem utilizar os tablets, os celulares. O professor por sua vez deve saber lidar com as novas dinâmicas. Não se trata do uso dos computadores para simples aulas com o uso de Power Point. As tecnologias facilitam a obtenção de informações de forma rápida, como nunca foi possível. O papel do professor está, portanto, mudando significativamente. Seja porque não é mais o detentor do saber, seja porque o aluno tem maior desenvoltura no uso das novas mídias, ou seja porque as formas de se trabalhar são outras, com a aplicação dos dispositivos tecnológicos. Não se trata apenas de realizar cursos para o uso de computadores, pois pela nova proposta, pelas novas necessidades, o professor assume a função de facilitador, de orientador. Um exemplo de um novo papel do professor será por exemplo, de guiar o aluno no emaranhado de opções para obter as informações. Fazer com que o aluno consiga ter autonomia, escolhendo as fontes corretas, fazendo triagens nas pesquisas. A facilidade com que os alunos conseguem as informações, exige um novo preparo do professor. O que fazer com as informações passou as ser o grande desafio. E isto em uma velocidade cada vez maior. O jovem aluno não tem tempo para esperar, pois tem demandas de curtíssimo prazo. Uma aula de 50 minutos em que o aluno fica sentado lendo e se concentrando está cada vez mais rara. O professor tem que se adaptar a esta realidade.

Há a necessidade de cuidarmos dos professores. A atualização com cursos focadas para o uso de novas tecnologias é algo premente. Corre-se o risco de um abandono em massas de profissionais na área de ensino. Com a saída cada vez mais precoce dos professores, quem assumirá as aulas? Que poderá apoiar os professores ingressantes?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, S. **Cabeças digitais: um motivo para revisão na pratica docente**. Rio de Janeiro IN NICOLAI-da-COSTA, A.M. (org).: *Cabeças Digitais, o cotidiano na era da informação.*, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; 2006

ROSA, H. ***Social Acceleration: A New Theory of Modernity*** (New Directions in Critical Theory) Paperback – June 9, 2015.

ROSA, H. Die beschleunigte Gesellschaft. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3oH5FUC69I>.

SCHLINK, B. ***Der Vorleser, diogenes***. Zürich, 1995.

CUPANI, A. ***A tecnologia como problema filosófico: três enfoques***. Scientlestudia, São Paulo, 2004.